

PLÍNIO SÜSSEKIND ROCHA

No dia 17 de agosto, às 5 $\frac{1}{2}$ da manhã, faleceu em São Paulo, no Hospital da Beneficência Portuguesa, onde se achava em tratamento, o ilustre físico e pensador Plínio Süssekind Rocha, ex-professor de Mecânica Celeste na Faculdade de Filosofia da antiga Universidade do Brasil, aposentado em 1969.

Especializado na França em Filosofia da Ciência, sob a orientação de Abel Rey, sempre manteve contacto estreito com a Universidade de São Paulo, onde ministrou cursos de História da Ciência, influenciando de maneira decisiva em vários cientistas e estudiosos de cinema e filosofia.

Discurso presta-lhe neste número uma homenagem comovida por meio da evocação abaixo, especialmente escrita pelo Professor Paulo Emilio de Salles Gomes, um dos seus amigos mais devotados e que de mais perto lhe receberam influência.

Foi, aproximadamente, a partir de 1930, que Plínio começou a ler Spengler. Nas aulas de filosofia da ciência da Universidade de Pedro Ernesto e Anísio Teixeira, onde foi professor, não separava a ciência da arte e os alunos, de início um pouco surpresos, mas em seguida encantados, viam-no alterar *slides* de equações matemáticas e de templos gregos, ou contrapor a um fragmento de Kant uma sonatina de Bach.

Em 1937, na França, entre as correntes de pensamento mais acessíveis ao meu entendimento, a que mais o atraía era a do racionalismo clássico, encarnada em Julien Benda. Ao mesmo tempo, porém, tinha um gosto muito pronunciado pelos periódicos precários, que exprimiam as posições das minorias esquerdistas dissidentes, que sempre pulularam em Paris durante o século. Mas não eram propriamente as formulações políticas desses jornalecos e revistas que o interessavam. Plínio procurava outra cousa. Eu não compreendia as suas reflexões sobre matemática e física e no terreno filosófico também ficava de fóra. Em todo o caso conversávamos sobre as pessoas, os acontecimentos, cinema, literatura e pintura. Pouco a pouco senti a presença de uma linha em seu pensamento. Tenho a impressão de que naquele tempo Plínio pro-

curava estabelecer nos mais diversos domínios do conhecimento, um minucioso elenco de exceções e de que vislumbrava a possibilidade de uma regra que as abarcasse todas. Isso foi mais adivinhado do que pensado; numa noite, nas vésperas da guerra, eu cheguei a perguntar-lhe se se tratava disso, mas não compreendi a sua resposta. Durante êsse tempo Plínio escreveu muita anotação.

O pessimismo era, como sempre, acompanhado de algum otimismo. Esperava que virassem Spengler de ponta cabeça como haviam feito com Hegel. *Tempos Modernos* seria o resumo e a reflexão que preparam o salto, a inserção de Chaplin no centro da tragédia humana, iluminando-a. Em outra dimensão, o correspondente de *Guernica*, que visitara no Pavilhão da República Espanhola, na Exposição Internacional. Nessas ocasiões ironizava a posição de Spengler diante da arte moderna.

O critério que presidia às aproximações tendo em vista a construção da amizade, era o da posição das pessoas diante da República Espanhola e dos facciosos de Franco. Munich o indignou tanto, que pela primeira vez e última, simpatizou com o Partido Comunista Francês. E havia as mulheres e o amor. Mas a vitalidade não era a norma. De novo preferia, diabolicamente, em Renoir, a fragilidade condenada e evanescente de algumas crianças à pele avermelhada dos nós. De novo se obstinava a salientar no surrealismo os sinais de fim.

No seu mecanismo psicológico o pessimismo o levava à acumulação das dúvidas e estas a um perfeccionismo que o conduzia à esterilidade. Esterilidade em termos, em termos de registro. Acho que Plínio nunca cessou de pensar de forma viva e estimulante. E de falar, é verdade que para um número cada vez mais reduzido de interlocutores. Ele praticava a redução conscientemente mas ao mesmo tempo ela lhe fazia mal. O novo interlocutor, apesar de cada vez mais raro foi sempre uma fonte de satisfação. A maior, o amor, nunca lhe faltou.

Como sobre tudo o mais, Plínio escreveu pouquíssimo sobre cinema, ou melhor, escreveu durante um curtíssimo espaço de tempo, pois o adolescente de dezesseis anos começou a fazê-lo com impetuosa abundância. Eram textos lidos nas reuniões do *Chaplin Club* e em seguida publicados em páginas inteiras do jornal *O Fan*, em 1928. Quase todos são sobre Murnau e o seu filme *Aurora*, objeto de animada polêmica no quadro do clube: Plínio se opoñdo a Octávio de Faria — então com vinte anos — e a Almir de Castro. *O Fan* publicou ainda um artigo seu sobre Lubitsch a propósito de *O Patriota*.

Esses escritos têm enorme interesse para o estudioso das idéias cinematográficas no Brasil. São muito bem redigidos, pos-

suem informação francesa e americana, estando ainda cheios de humor e de pensamento original. A análise minuciosa de *Aurora*, as opiniões sintéticas sobre Lubitsch, a abordagem de temas como a angulação, a continuidade ou o letreiro, as associações com Machado de Assis, nos revelam um indiscutível talento crítico. É de pasmarmos que tenham sido escritas por um mocinho brasileiro do fim da década de vinte. Plínio vai certamente intrigar muito o historiador das idéias cinematográficas no Brasil. Eu não conheço outro caso, no mundo cinematográfico, de tamanha precocidade crítica.

O advento do filme falado foi uma experiência dolorosa para Plínio e para os companheiros mais velhos do *Chaplin Club*. Por êsse motivo ou outros difíceis de elucidar, ele quase cessou de escrever sobre cinema. Durante a década de trinta não houve, ao que eu saiba, uma linha sua a respeito. No começo da seguinte a revista *Clima*, num número dedicado a *Fantasia* de Disney, publicou uma carta de Plínio em que, se não me engano, ele sugere uma abordagem semiológica do cinema. Mais ou menos no mesmo período foi ainda através de uma carta que interveio, depois de insistentemente solicitado, num debate provocado por Vinicius de Moraes em sua coluna cinematográfica de *A Manhã*.

No fim dos anos quarenta um jornal de estudantes da Universidade do Brasil publicou um artigo seu, provavelmente reproduzido no rodapé de B. J. Duarte em *O Estado de São Paulo*. Finalmente em 1952 a revista surrealista parisiense *L'Âge du Cinéma* publicou uma entrevista de Plínio sobre *Limite*. E é só.

Durante toda a vida, porém, Plínio não cessou de ver filmes e de falar sobre cinema, de forma empenhada, militante. Segundo êle o cinema era, ou fôra, ou poderia ter sido, algo que transcendia a própria noção corrente de arte e este sentimento já aponta nos escritos da adolescência: o cinema é o sublime. Êste sub'ime êle o encontrava encarnado notadamente em Chaplin e num filme brasileiro, *Limite*, de Mário Peixoto. Envolve, obstinado e persuasivo, Plínio procurava conquistar para os valores do cinema silencioso os amigos, as namoradas e os alunos. E isso dez, vinte ou trinta anos depois do filme falado estar implantado no século! Independentemente do resultado final, a catequese suscitava em seus interlocutores reflexões novas e não apenas sobre cinema.

Bastante cedo Plínio inseriu harmoniosamente o cataclisma sonoro na visão geral pessimista, com que acompanhou o tempo em que viveu. Nessa perspectiva o destino do cinema não poderia deixar de ter sido truncado. As virtualidades que anunciara chegaram tarde: uma florescência que o tempo não mais comportava.